



BIBLIOTECAS  
MUNICIPAIS  
DE LISBOA

**TRIPA VIRADA (A)** – *Periódico semanal*, publicado em Lisboa, por **José Agostinho de Macedo** (1761-1831)<sup>1</sup>, na ressaca da **Vilafrancada**, em Maio de 1823. Saíram apenas 3 números, não se sabendo exatamente a causa para tão fugaz publicação, embora possa estar relacionada com a virulência dos seus textos. Macedo (JAM) não perdeu tempo, e substituiu **A Tripa Virada** pela **Tripa Por Uma Vez**, de conteúdo político mais refreado, igualmente publicado em 1823.

Mas voltemos à **Tripa Virada**. Como se disse, foram publicados apenas 3 números, que não interrompem a paginação. E foram impressos em Lisboa, na “Oficina da Horrorosa Conspiração” (mais uma provocação de JAM), no número 42 da Rua Formosa, com as necessárias licenças da Comissão de Censura. No total, temos 36 páginas de prosa polémica, violenta, e mesmo despuorada.

Quanto ao título, a explicação para **A Tripa Virada** é-nos dada pelo próprio JAM, numa alusão mordaz à revolução liberal de 1820, no Porto, a 24 de Agosto: “= A Tripa Virada = Vós bem sabeis que me refiro às manobras feitas na Cidade das Tripas, passando a deliberação Maçónica ao Conselho Militar dos três, para lograrem a Tropa, que agora nos logrou a nós”. Com a contrarrevolução da Vilafrancada, a “tripa” tinha sido virada!

Também como referido, talvez a violência da escrita esteja na origem de tão curta experiência editorial, mas um intrigante “Fim” na última página do terceiro número pode sugerir que JAM não tencionava publicar mais nenhum exemplar d’**A Tripa Virada**, concluídos que estavam os objetivos do seu periódico semanal.

E que objetivos eram esses? **A reaproximação dos pontos de vista de JAM ao campo político absolutista**. Com efeito, em 1822, num outro periódico, a *Gazeta Universal*, o polemista tinha acusado os liberais de serem maçons e escreveu vários artigos políticos incentivando à subversão. Sem surpresa, foi julgado mas seria absolvido. Desiludido, e logo a seguir à decisão judicial, escreveu o **Manifesto à Nação ou Últimas Palavras Impressas**, de 1822, onde tornou pública a decisão de se afastar da vida política (prometeu mesmo não escrever uma única linha mais e queimar os escritos que tinha em casa!) e de aceitar as novas instituições liberais. Pouco depois, no início de 1823, lança **O Escudo ou Jornal de Instrução Política**, onde reiterou a defesa do constitucionalismo ao longo dos seus 7 números. Segundo Jorge Pedro Sousa,

---

<sup>1</sup> A bibliografia passiva sobre José Agostinho de Macedo é vastíssima, mas para um registo mais biográfico ver, entre outros, Inocêncio Francisco da Silva – **Dicionário Bibliográfico Português**. Tomo 4. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860; Jorge Pedro Sousa – **O advento da crítica ao jornalismo em Portugal: O caso de José Agostinho de Macedo**. Disponível em: [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt); e Rita Correia – **MACEDO, José Agostinho de (1761-1831)**. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/RecursosInformativos/Biografias/novoBiografias.htm>

“chegou a ser eleito primeiro substituto pelo círculo eleitoral de Portalegre, mas como o lugar de deputado não vagou, não teve oportunidade de tomar assento no Parlamento”<sup>2</sup>.

Todavia, **facilmente se percebe que o liberalismo de JAM foi meramente tático**. Logo após a Vilafrancada, insurreição militar liderada por D. Miguel, a 27 de Maio de 1823, em Vila Franca de Xira, e que se traduziu na restauração do regime absolutista em Portugal, JAM colocou-se ao lado dos revoltosos, pondo novamente a sua pena em ação contra os liberais. E cria **A Tripa Virada**, onde, como refere Rita Correia, “põe a nu a sua faceta cínica: tudo o que dissera sobre os liberais não passara de uma farsa para salvar a pele”<sup>3</sup>. Por outras palavras, enganara os liberais e apenas por interesse pessoal defendera o constitucionalismo!

JAM justifica mesmo nas páginas do seu novo periódico o porquê do seu anterior *constitucionalismo*: “Eu permaneci imóvel no meio de tão soltas tempestades, e até soltei uma risada, e disse mil chistes quando o bem conhecido *Coronel Chefe* me ofereceu no rol dos *remarcáveis*, e removidos, às *Cortes Soberanas*. (...) De tudo a fragilidade humana é capaz. Ora pois toda aquela aparente mudança de caráter, não teve outro motivo mais que o heroísmo da virtude, em quanto com a condescendência da escrita pretendi abrandar o coração do Tigre, para chamar do desterro ao seio de sua desamparada família ao honrado Joaquim Pedro Lopes meu amigo, e a resposta que se me deu entre espumas de raiva, foi, *que chamar aquele, era fazer chiar os mais, que todos eram cúmplices com o Club da Bemposta na rebelião do Conde de Amarante*<sup>4</sup>. Tenho dito tudo, e dos dois suplementos tenho as largas minutas em casa (pronto a mostrá-las) para serem enroupadas com o meu estilo. Toda a recompensa do meu estilo, toda a recompensa do meu servilismo ao Império do Sultão foi alcançar para os Padres do Desterro a sua conservação por mais um mês, naquele apertado domicílio. Tenho dito o que basta para justificação minha, e satisfação pública”.

A incoerência política de JAM já tinha sido notada por Jacinto do Prado Coelho, no seu *Dicionário da Literatura*, de 1987: “A princípio, as leituras francesas têm-lo-ão contaminado das ideias do Iluminismo, mas, após as invasões francesas, exercita os magníficos dotes de polemista desancando Voltaire, Rousseau, toda a coorte dos «pedreiros livres»; perante a revolução de 1820, a sua atitude é ambígua; em 1823, um fundo de intolerante sectarismo, a que se juntam ressentimentos pessoais, põe-no resolutamente ao serviço do miguelismo, e até à morte atacará os liberais (Garrett contar-se-á entre as suas vítimas) com fúria plebeia e implacável. Ele, ex-frade de torpe vida privada, tornar-se-á o execrado Procustes da Real Mesa Censória. Em política, do mesmo modo que em literatura, as opiniões de Macedo eram instáveis; o que

<sup>2</sup> Jorge Pedro Sousa, *op. cit.*, p. 8.

<sup>3</sup> Rita Correia, *op. cit.*, p. 3.

<sup>4</sup> JAM refere-se ao general **Francisco da Silveira Pinto da Fonseca Teixeira**, 1.º Conde de Amarante, 1763-1821, e concretamente à sua tentativa, que não foi bem-sucedida, de combater a revolução liberal de 24 de Agosto de 1820 com as tropas da província de Trás-os-Montes, pois estas acabaram por se colocar ao lado da Junta do Porto. Depois deste episódio, Silveira retirou-se para Vila Real onde veio a falecer no ano seguinte. Foi sepultado no jazigo da família, na capela do Espírito Santo em Canelas.

permanecia firme era um ideal demagógico, harmonizável com o absolutismo; constantes, também, as exigências dum temperamento vaidoso, rebelde e enérgico, truculento, fadado para a luta sem quartel”<sup>5</sup>.

Feita a justificação do seu *liberalismo* (ainda que efémero), clarificado o seu *novo* posicionamento político em 1823 (ao lado dos miguelistas), fica a advertência, em jeito de ameaça aos seus detratores, sem esquecer nova referência à existência de documentos “públicos” que sustentariam as suas posições e críticas: “Serve este primeiro número para prévias disposições dos que sem interrupção se lhe hão-de seguir no mesmo tom em que este começa, nem um só anel na cadeia de tantas maldades me escapará: tenho apontado tudo com referência em papéis públicos. Nenhum dos perversos ficará no esquecimento, todos serão tirados à luz do Mundo, para horror do mesmo Mundo, e exemplo espantoso a todos os séculos, e a todas as idades”.

Antes, JAM já tinha preconizado todo um **programa político de crítica ao liberalismo de 1820**: n’*A Tripa Virada* “eu irei seguindo em seus passos a obra da iniquidade<sup>6</sup>, que farei patente a todos os séculos com aquela força e eficácia com que espero me socorra a Divina Providência; eu levantarei o véu que encobre ainda o abismo dos males, em que os malvados nos precipitaram. Talvez que um século não possa remediar de todo as desgraças de três anos<sup>7</sup>. Devo dar uma satisfação a todos os homens de bem, cuja estima eu tinha merecido com a minha invariável conduta, ou procedimento no meio dos maiores perigos, insultos, ameaças de morte, e o que mais me custava, entre as descomposturas do infame Pato, que tanto se deu a conhecer na atrocíssima, e blasfema indicação contra a magnânima, e verdadeiramente Rainha a Augustíssima Senhora D. Carlota Joaquina de Bourbon<sup>8</sup>”.

As páginas d’*A Tripa Virada* vão então encher-se de ataques aos *velhos* inimigos de JAM: a **Maçonaria**, o **liberalismo** e os **periódicos liberais**, num registo irónico, mordaz e mesmo jocoso.

Este registo literário baseia-se numa *história*, ou melhor, num “gracejo com fundamento da verdade” (as palavras são de JAM), por sua vez construído a partir de um convite ao escritor, feito por um “amigo muito curioso” para que ele assistisse “a uma Comédia, que nessa noite se representava, e que com efeito foi vista por um buraco, porque morando ele em casa contígua ao *Grande Oriente Lusitano*, tanto esgravatou, tanto minou, e contraminou, que pôde por uma fresta subtil abrir caminho aos olhos para o grande salão das grandes sessões do *Grande Oriente*, e ver, sem ser visto, as grandes Farsas dos *Grandes Palhaços*”.

---

<sup>5</sup> COELHO, Jacinto do Prado, “Macedo, Padre José Agostinho de (Beja, 1761 – Lisboa, 1831”, in *Dicionário da Literatura* (Dir. de Jacinto do Prado Coelho), 3.<sup>a</sup> edição, Vol. 2. Porto: Figueirinhas, 1987, p. 588.

<sup>6</sup> Leia-se, o sistema liberal ou “regeneração”, nas palavras de JAM.

<sup>7</sup> Os três anos que mediaram entre a revolução liberal de 1820 e a Vilafrancada, em 1823.

<sup>8</sup> Mulher de D. João VI; nasceu em 1775 e faleceu em 1839.

JAM reproduz de seguida intervenções ou diálogos dos maçons que ia *escutando* daquele “buraco” para criticar violentamente a Maçonaria<sup>9</sup>, numa escrita recheada de figuras de estilo, como a ironia, a antítese ou o paradoxo. E prossegue: “As horas me pareciam séculos, que tão vagarosas corriam, mas em fim chegou a desejada, depois de me haver fortalecido com algumas talhadas (e grossas) de lombo lardeado, pastéis de Marvila, Carcavelos, Pico, e Setúbal, etc., e pedido encarecidamente ao Céu me conservasse sisudo e sério, não soltasse alguma involuntária gargalhada que me traísse, aproximei-me à fresta donde muito a meu salvo descortinava todo o salão, ou aparatosa estribaria, onde eu veria muitos, que povoam o Poema deles! (...) Nunca me vi em maior perplexidade, porque, dizia eu comigo, a Inquisição acabou-se, e o que eu diviso é uma caterva de penitenciados pela Inquisição, todos trazem *corocha* [sic] assim por modo de mitra, carapuça cornuda, todos trazem *sambenito*, e tão comprido, que parece assim por modo de avental de taverneira Inglesa; todos trazem luvas brancas, ou trapos de quem traz as mãos queimadas, isto será casa de esgrima? Para que é tanta espada velha?”

JAM revela mesmo o nome de alguns maçons, ainda que indiretamente, como é o caso de **Pato Moniz** (1781-1826), escritor, deputado, e que foi deportado para Cabo Verde (onde morreu) após a Vilafrancada: “Eu fiquei como o pai de Santo António quando vi o *Pato* com a cara de Letria, e com a boca aberta, como quem dizia = *Ex-Cidadão* = tomou a esquerda do *Grão Mestre* com um tinteirinho de corno no carácter de *Grande Secretário*, tudo como dizia o *Manifesto* por quem eu me ia governando para me não enganar”.

E, mais adiante, volta à carga, com novo ataque cerrado à Maçonaria: “Então, então vi o *Pato* desasado de um coto, pela tremenda bordoadada que pilhou ali para o Loreto em frente do Tribunal da *Menemósine*, ler a Ata da precedente que se achou conforme às outras patifarias que ali se costumam tratar, que vem a ser a ruína, e o cativo do género humano feita com palavras, e promessas capazes de enganar um santo, mas nunca me enganarão a mim, que sou pecador.”

Nas últimas páginas a aversão *quase patológica* do poeta satírico à Maçonaria regressa em todo o seu esplendor: “(...) Enquanto entre nós existirem *Lojas de Pedreiros Livres e Bosques de Carbonários*, teremos o fermento da rebelião, e o foco de todas as desventuras; os alicerces da Religião serão solapados, abalado o Edifício Social, serão pisados todos os princípios de eterna Justiça; a probidade será reputada uma fraqueza, a virtude um nome vão. Caia o machado da Lei nas raízes desta árvore pestilenta, cujos frutos são a destruição, e a morte. Tudo se perderá se se não buscarem os canais de uma educação religiosa”. A fobia é tal que JAM encerra mesmo este primeiro número d’*A Tripa Virada* com um “Morra o Maçonismo.”

A par do mal supremo, a Maçonaria, **temos o liberalismo de 1820, o “sistema” ou a “regeneração”**, responsável, segundo o escritor, pela decadência económica do país; numa argumentação sempre irónica e provocadora: “O corpo da Nação, de quem dissemos era tudo, para que

---

<sup>9</sup> Seguirá esta mesma abordagem para atacar o liberalismo de 1820 e a imprensa liberal.

despojando a todos de tudo, só nós ficássemos por fim senhores do bolo, estava muito gordo, era preciso atenuá-lo para lhe conservarmos boa saúde: o manancial da sua gordura era em primeiro lugar o Brasil, e onde está o Brasil, nem por um olho da cara aparecerá daqui amanhã uma cana-de-açúcar; o café ficará em relíquias pelas boticas donde virá o peso de ouro em ar de remédio em pequena dose acelerar a nossa digestão, se tivermos com que a fazer, de que duvido. O Comércio era outro forte nervo da nação, e onde está o comércio? Ninguém vende nada, nem tem que vender, nem há com que se compre coisa nenhuma? Os cereais! Nem de fora nem de dentro. As artes? Nós aumentamos prodigiosamente a da mendicidade, e postos todos a pedir, já não há a quem se peça, e assim se consolidava o sistema cada vez mais, e se dirigia milagrosamente a opinião pública que nos sustentava, e nos chamava os *beneméritos*, os Pais da Pátria, ou da pouca-vergonha.”

Por último, **na lista de ódios de estimação de JAM, acrescenta-se a imprensa liberal**: “Outrora âncora da nossa salvação eram os nossos periódicos, quando deveu a nossa santa causa para não se paralisar ao irmão, que presente está, o Grande Secretário do *Grande Oriente* o Senhor Pato! O seu *Português Constitucional*, e depois o seu *Regenerado*, no qual por cada página, segundo a frase dos *Profanos*, merecia a força, foi uma das firmes colunas da nossa veneranda ordem, atacou o Fanatismo, e a superstição, fez tremer *nos seus vacilantes troncos os ímpios Déspotas* de Verona, insultou todos os *Profanos*, a quem o erro, e a mentira chamava homens de bem, atacou a Igreja, pulverizou o Creio em Deus Padre, filou-se no Patriarca, não deixou objeto sagrado, que não enxovalhasse com uma frase de cão danado, que nos consolava esta alma. *Jão* [sic] *Lambão* com o seu *Patriota*, e o mais patife dos nossos irmãos, por cuja boca nós falemos sempre; o insolente *Caqueiro* a quem *Zé Chapelório* deu tamanha caqueiroda [sic] que não deve entrar no indulto dos *Profanos removidos*, foram firmíssimos sustentáculos dos Sistema Regenerador.”

Não temos aqui os ataques à liberdade de imprensa e à proliferação de jornais panfletários, que JAM ensaiara em *Exorcismos*, *Contra Periódicos*, e *Outros Malefícios*, publicado em Fevereiro de 1821<sup>10</sup>, mas o reconhecimento sarcástico da importância da imprensa liberal na destruição da Ordem Absolutista.

Por outro lado, trata-se de um tema que JAM conhecia e dominava como ninguém, até porque, como concluiu Jorge Pedro Sousa, “José Agostinho de Macedo foi o primeiro autor português a tecer uma crítica estruturada e sistemática ao jornalismo, apresentando, igualmente, alternativas para o desenvolvimento da comunicação social. Nesse sentido, ele pode considerar-se como um precursor da teorização crítica portuguesa do jornalismo<sup>11</sup>.”

Da crítica ao jornalismo político da época, patente naquela citação, percebemos ainda que JAM “tinha uma ideia clara sobre a influência do

---

<sup>10</sup> Disponível na Hemeroteca Digital, na secção destinada às Raridades Bibliográficas, em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/RaridadesBibliograficas/Raridades.htm>

<sup>11</sup> *Op. cit.*, p. 23.

jornalismo na formação de correntes de opinião e sobre a repercussão das mesmas na ordem política e na governação”.

Por Álvaro Costa de Matos  
Lisboa, HML, 29 de Julho de 2013.

### **Bibliografia Sumária:**

ANDRADE, Maria Ivone de Ornelas – ***José Agostinho de Macedo: Um Iluminista Paradoxal***. Lisboa: Edições Colibri, 2001;

IDEM – ***A Contra-Revolução em Portugal: José Agostinho de Macedo***. Lisboa: Edições Colibri, 2004;

COELHO, Jacinto do Prado, “Macedo, Padre José Agostinho de (Beja, 1761 – Lisboa, 1831”, in ***Dicionário da Literatura*** (Dir. de Jacinto do Prado Coelho), 3.<sup>a</sup> edição, Vol. 2. Porto: Figueirinhas, 1987, p. 588-589;

CORREIA, Rita – ***MACEDO, José Agostinho de (1761-1831)***. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/RecursosInformativos/Biografias/novoBiografias.htm>

SILVA, Inocêncio Francisco da – ***Dicionário Bibliográfico Português***. Tomo 4. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860;

SOUSA, Jorge Pedro – ***O advento da crítica ao jornalismo em Portugal: O caso de José Agostinho de Macedo***. Disponível em: [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt);

TENGARRINHA, José – ***História da Imprensa Periódica Portuguesa***. Lisboa: Caminho, 1989.